



Protecção contra fogo

Muitas e muitas vezes temos feito vêr a necessidade de cada um proteger os seus haveres contra o fogo, muito embora estejam garantidos pelas companhias seguradoras, e não obstante poucos são aquelles que, ou por indicação nossa ou de motu proprio, têm tomado na devida consideração tão momentoso assumpto.

Se todos se compenetrassem do imperioso dever que a cada um de nós assiste de ser o mais providente possível em acautellar a sua propriedade contra os estragos do incendio, não só para segurança de objectos insubstituiveis, mas para garantia da propria vida e igualmente da fazenda alheia e da vida dos seus semelhantes, pois que ninguém pôde assegurar até onde o incendio se estenderá, por certo que o crescido numero de incendios que annualmente registramos, decresceria sensivelmente. Não acontece porém, assim, porque uns por desleixo e outros por avariza fogem á aliás comparativamente pequena despeza da aquisição de uma bomba, extintor ou outros quaesquer meios de evitar e impedir o desenvolvimento das chamas, quando o incendio se manifesta. No emtanto todas as cautellas são poucas e nem a razão apresentada por muitos — de que nunca tiveram sequer um ameaço de fogo — pôde servir de argumento para que não cuidem, de, por todos os meios, defenderem a sua vida e haveres contra tão terrivel e poderoso inimigo.

Sem já querermos fallar das casas de habitação, onde raras vezes se vê uma bomba ou outro qualquer aparelho destinado á extincção do fogo, ou ainda mais, a adopção de quaesquer medidas, tendentes a identico fim, perguntaremos quantas são as fabricas, os hospitaes, os collegios, os armazens e outros estabelecimentos de igual importancia, nos quaes os seus proprietarios ou directores tenham tido o cuidado de providenciar no sentido em que vimos fallando.

Muitissimo poucos, fiquem certos d'isso, por-

que temos tido occasião de vêr, e esses mesmos, se algumas medidas têm adoptado, tornou-se primeiro necessario, que um ou mais incendios lhes viessem demonstrar practicamente tão imperiosa necessidade.

Poderá, á primeira vista, parecer um tanto vexatoria a ideia que vamos apresentar, mas não o é, quando consideramos que de uma tal incuria poderão resultar gravissimos prejuizos para os vizinhos; e o que será peor ainda, o homicidio, posto que involuntario, mas no emtanto causando a perda de vida ao nosso semelhante.

A ideia é a seguinte: a obrigação, imposta pelo governo a todos os grandes estabelecimentos mais sujeitos ao risco de fogo, de possuirem um certo numero de aparelhos, conforme a importancia ou condições especiaes do edificio que são destinados a proteger, e além d'isso, pessoal competentemente habilitado e exercitado para d'elles fazer uzo na occasião precisa.

Por esta fórma e com um pequeno sacrificio evitar-se-ia muita desgraça e prejuizos que nunca companhia alguma de seguros poderá compensar, seja qual fôr a sua organização, e senão vejamos:

Muito embora uma companhia pague, sem questionar, a importancia integral dos valores segurados, não paga, por certo, o prejuizo resultante da destruição dos livros onde se achavam lançados os diversos creditos a cobrar, a perda de freguezia que busca novos fornecedores, o empate durante a reconstrucção, a substituição de moldes e fórmias, a ferias aos operarios, que podem não encontrar promptamente collocação e muitos outros prejuizos, que desnecessario se torna enumerar para demonstrar á evidencia a grande obrigação que a todos assiste de protegerem competentemente a sua propriedade.

Não cessaremos, portanto, de procurar todos os meios para convenceremos aquelles que nos dão a honra de lêr o nosso quinzenario, do dever que lhes assiste, não só por si, mas em attenção aos seus semelhantes, de cuidarem com o maximo empenho na protecção contra fogo. Se não fórmos attendidos, verão os que desprezam os nossos conselhos, que tarde ou cedo se arrependerão, como já

tem acontecido a muitos, a quem a sorte favoreceu por largos annos, mas a quem a fatalidade espreitava implacavel para lhes castigar severamente a incuria.

Lembrem-se do rifão: — Mais vale prevenir do que remediar.

BOMBEIROS DE VILLA NOVA DE GAYA

Foram mal interpretadas pelo valente grupo que constitue a corporação de bombeiros de Villa Nova de Gaya, as nossas palavras, quando no nosso ultimo numero apresentamos a ideia da dissolução da actual companhia e que á companhia municipal do Porto fosse confiado o serviço.

Nunca foi nossa ideia querer excluir os actuaes bombeiros de poderem continuar a exercer o mesmo officio, e tanto que, dissolvida a companhia, somos de opinião que se lhes dê a preferencia para constituirem o pessoal das bombas que teriam de estacionar n'aquella localidade.

Sempre fizemos justiça á coragem e denodo com que o pessoal se esforça para a extinção dos incendios que alli muitas vezes são medonhos e se apresentamos aquelle alvitre, foi por nos parecer de grande vantagem, não só a bem da disciplina, mas da regularidade que deve existir em corporações d'esta ordem.

Quando seja irrealisavel a fusão das duas companhias sob a fiscalisação da camara do Porto, com a respectiva indemnisação por parte da de Gaya, o que não nos parece impossivel, quando haja mais amor pela causa publica e menos vaidade propria, sem rasão deser, que ao menos se procure dotar a actual companhia com um regulamento e dar-lhe uma feição mais regular do que a que tem.

Foi isto o que pedimos e seja-nos licito insistir, porque n'isto não vae offensa a pessoa alguma, mas sim o intuito do bem geral.

A IRREGULARIDADE DOS TOQUES DE INCENDIO

E' certo que ha muito, não só o nosso periodico, mas a imprensa em geral, bradam e bradam em vão contra a maneira como é feito o serviço de alarme nas torres para pedir o auxilio dos bombeiros nos casos de incendio.

Apesar dos clamores, justissimos como são, as irregularidades continuam no mesmo pé ou peiores, se é possivel, e que nos conste, ainda ninguem foi castigado, porque se o tivesse sido, talvez que a repetição e reincidencia não seriam tão frequentes.

Não sabemos de quem é a culpa, nem tão pouco se da parte da auctoridade competente ha desleixo ou falta de vontade em auxiliar a fiscalisação e applicar o devido correctivo, mas o que sabemos é que está para dar-se o primeiro incendio em que não haja variedade de toques, cada si-

neiro chamando os soccorros para onde melhor lhe apraz á sua phantasia.

Ora, não de convir, que se pensarem bem as auctoridades, a quem compete dar as providencias que pedimos, verão que similhante tolerancia acarreta os mais graves inconvenientes e pôde dar causa a gravissimos prejuizos e calamidades.

Providencias e quanto antes, pois, se é que desejam o bem estar geral e querem fugir á enorme responsabilidade de tão imperdoavel inercia.

BOMBEIROS VOLUNTARIOS DE PENAFIEL

Procedeu-se no dia 23 do passado á eleição dos corpos gerentes da Associação Filantropica de Bombeiros Voluntarios d'aquella cidade, saindo eleitos os seguintes srs:

Presidente — Agostinho da Rocha Beça; *vice-presidente* — Fulgencio Augusto Coelho de Magalhães; *1.º secretario* — Joaquim Bathazar Pereira Guimarães; — *2.º secretario* — Antonio Pereira Bastos; *Thesoureiro* — Abilio Julio Barboza; *Directores* — Simão Julio d'Almeida Motta Barbosa, Ramiro Augusto Pereira do Lago, Germano Duarte Pereira Guimarães e José Maria Pinto. *Conselho fiscal* — Dr. Rodrigo Telles de Menezes, Domingos José Villela e Abilio José Pereira Guimarães.

LINHA FERREA DE GUIMARÃES

Onde se construe uma estação de caminho de ferro, principia uma cidade, diz Victor Hugo...

Mau; se começamos a invocar os deuses, e a evocar as suas sentenças para uma simples noticia de um acontecimento bem simples, consideradas as actuaes aspirações modernas, mas enorme em quanto ao paiz em que vivemos, então teremos de terminar com algum hymno entoado pela bocca d'ouro de algum S. João Chrysostomo e pelos ductos de incenso que o ritual catholico rende ao que quer apresentar como digno de assombro e da maior concentração de espirito.

E, como estamos longe das consagrações da igreja catholica apostolica romana, para que se torne mais commovente, mais grandioso na sua simplicidade, este rasgar de horisontes a toda a actividade, que se vai observando no nosso paiz!

Ah! deante dos triumphos dominadores do engenho humano, como é verdadeira, hoje, mais que nunca, aquella phrase prophetica: *Les dieux s'en vont!*

E deixal-os partir, em boa hora e melhor paz, os bonzos que dão logar, que cedem as honrarias aos trabalhadores da serra e do malho, aos orquestrantes do immenso concerto em que tudo lida, para se dar luz e pôr vida a quem a tem e sabe dar, já com os seus capitaes, já com o precioso cabedal da sciencia e da applicação d'ella ás artes, ás industrias, ao commercio, ao labutar de todas as forças productivas, emfim.

O capital e o trabalho — eis os dois numes, as duas divindades que, em consorcio augusto, austero e honesto, podem, devem e vão realisando a felicidade do genero humano, tanto quanto é possível, visto que não ha panal que chegue a enxugar completamente as lagrimas choradas n'este valle das mesmas, segundo a lamuria antiga.

Mas o capital no nosso paiz retrahe-se, quando não tem uma lei extorquida ás côrtes que lhe garantam o juro; mas o capital é de ordinario tão commodista e inutil entre nós, como um conego, quando não haja o tantos por centos que o faça operar; e que é aquillo a que os seus possuidores chamam, de papo, um acto de civismo.

Ora, quando o capital, sem se darem circumstancias algumas das que acabamos de apontar, ou outras que omittimos porque seria longa e deshonesta a sua ennumerção, então, os que o arriscam e empregam em uma empresa, em uma obra utilissima ao bem estar geral, contribuindo igualmente para o augmento da receita de estado; — então serão insufficientes todos os louvores que se ergam a saudar esses caracteres de eleição que não hesitaram em arcar, com todos os obstaculos, para dotar com um melhoramento mais à sua patria, a terra da sua naturalidade, o paiz emfim que os viu nascer.

Na construcção da linha ferrea de Guimarães, o braço potente, a cabeça organisadora, o coração patriota, a alma resistente e conciliadora ao mesmo tempo, a actividade infatigavel, a energia viril e captivante por excellencia, a virtude da austeridade, do amor civico e da probidade que o animam, foi o sr. Antonio de Moura Soares Vellozo, homem de antiga lei, de uma só fé, de um só rôsto e um só parecer, que eram os attributos que o nosso antigo classico Sá de Miranda queria que tivessem os virtuosos do seu tempo.

Honremos n'esta pagina esta nobreza tão sympathica!

Nós assistimos á inauguração da linha de Guimarães, desde a Trofa a Vizella, e apraz-nos consignar aqui os testemunhos de sympathia, os protestos de louvor que sua excellencia recebeu n'aquelle dia, por parte dos povos marginaes da via ferrea, como por parte de toda a povoação de Vizella, provas de effeito e intimo reconhecimento que se repetiram no opiparo almoço que sua excellencia offereceu aos excurcionistas que foram do Porto e aos representantes da linha e empregados superiores.

Nós tivemos ensejo de saudar, á sobremesa, (e disemos assim, porque todo o amavel cumprimento que o sr. Vellozo offereceu aos seus convidados foi genuinamente portuguez, e honra lhe seja); nós brindamos os dois engenheiros que se achavam presentes, sem terem na linha representação official, ou do governo. Brindamos sua excellencia o sr. Justino Teixeira, como um dos ornamentos da engenharia portugueza, e interpretando os sentimentos de todo o jornalismo portuense que tem recebido de tão candido espirito e prestimoso caracter os maiores testemunhos de consideração; abraçamos na mesma saudação sincera o distincto engenheiro da companhia sr. João Gualberto Povóas tão nosso, tão filho querido do Porto, tão estimado de superiores e subalternos, como todos os que o podem ser.

E, para que não esquecesse prova alguma do nosso dedicado affecto, no brinde que fizemos, erguemos outro ao visconde de Villariño de S. Romão, nosso antigo condiscipulo, engenheiro alli presente e representante do governo; com sinceridade brindamos a tão distincto membro da engenharia portugueza, saudando n'elle o representante idoneo dos nomes illustres de Villariño de S. Romão e de Antonio Ferreira Girão que opulentaram a esplendida obra Ovidio-Castilho, e que enriqueceram a litteratura e sciencia patria, com os productos do seu talento, tão estimados como sobrios.

A festa decorreu familiar, mas expansiva e cordial e sempre alegre e sincera, *inter pocula*. Dos outros brindes que em geral se fizeram deram conta os nossos collegas diarios.

Ao assignalarmos esta festa, como um acontecimento promettedor de prosperidades novas para a ridente e trabalhadora provincia do Minho, tão intensamente povoada, tão rica, tão seductora, nós votamos o mais profundo reconhecimento ao respeitabilissimo gerente que nos proporcionou a passagem da Trofa a Vizella; e agradecemos ao dignissimo director das linhas do Minho e Douro que poz á disposição da imprensa um carro-salão que nos conduziu de Campanhã á Trofa.

Nós queriamos fallar de Vizella, das suas riquezas em aguas mineraes, das suas bellezas naturaes e encantadoras, de todos os seus predicados que a tornam digna de vir a ser uma estação thermal de primeira ordem da Europa, como já o é em Portugal; queriamos alludir ao nosso bom amigo Abreu Vieira, escrivão de direito em Guimarães que se offereceu amavelmente para cicerone da brigada da imprensa portuense que ali foi e que elle abraçou cordialmente, como sua antiga conhecida intima; mas fallece-nos espaço e nós nem tempo temos de assignalar, como deviamos, a bella estação da bomba da corporação de Bombeiros Voluntarios Vizellence, onde vimos uma excellente machina e um carro de material que attestam quanto esta corporação dos soldados da paz, disseminada por toda a parte do mundo culto, é capaz de dedicação pela humanidade.

Um abraço, um cordeal aperto de mão a esse augusto e nobre voluntariado que, como todos os seus congeneres, resume quanto ha de mais sublime nos livros sagrados de todas as religiões e quanto ha de mais admiravel nos fastos das dedicações humanas.

Sursum corda!

AVISO

Dizem-nos que os aguadeiros não se alistarão na nova companhia de que tracta o novo regulamento apresentado pela camara, porque não vão de accordo com as obrigações que por elle lhes são impostas.

Não sabemos o que haverá de verdade n'esse boato, mas desde o momento em que elle chegou á banca da nossa redacção, é dever nosso tornal-o publico, afim de que a inspecção geral dos

incendios se possa prevenir por fórma a evitar, que no momento preciso, julgando que conta com o auxilio dos aguadeiros, não tenha quem lhe forneça agua para as bombas.

O caso é gravissimo e merece um estudo minucioso e bem calculado, porque a não providenciarem de antemão, na occasião de *grève* poderá dar-se o caso de haver um grande incendio e fallar o principal meio de o debellar. Ainda não tivemos occasião de lér o novo reglamento e não sabemos, portanto, se elle é ou não prejudicial aos interesses dos aguadeiros e nem o nosso fim agora é mostrar as suas vantagens e desvantagens, o que reservaremos para outra occasião. Tivemos apenas em vista fazer uma prevenção, porque a gravidade do caso assim o exige.

Apurem, portanto, a verdade e tomem as providencias que julgarem necessarias. O aviso ahi fica.

Cumpra-se a lei

A' redacção do *Bombeiro Portuguez*, chegaram uns rumores, de que, depois que da parte da auctoridade deixou de haver o rigor com que procedeu em seguida á grande calamidade da rua de S. João, existem senão mais, pelo menos tantos depositos de dynamite, e iguaes materias perigosas, em escala muito superior á que é permittida pela lei.

Indicam-nos como sendo os principaes focos, as ruas de S. João e circumvisinhanças, Almada e Picaria.

Ficam por este meio avisados os controventores e a auctoridade. Esperamos que aquelles se corrijam a tempo de não soffrerem o desgosto de uma pronuncia ou de qualquer calamidade e que a auctoridade os visite a miude com mais sollicitude para evitar a continuação de um abuso, cuja tolerancia é um crime imperdoavel.

Não por elles, já que tem em tão pouca conta a sua vida, mas ao menos por humanidade para com a visinhança, e o pobre bombeiro, forçado a acudir-lhes.

Que os taes que são negociantes de *grosso tracto* enriqueçam, mas não pondo em risco a vida de homens, cuja missão é salvar a dos outros e que a auctoridade se não constitua involuntariamente sua cúmplice, deixando de os vigiar. Se houvesse a consciencia do dever e menos egoismo e ambição, não dariam os contraventores logar a estes queixumes e ás palavras amargas que lhes endereçamos.

BOMBEIROS VOLUNTARIOS DE BRAGA

Reuniu-se em assembleia geral no dia 30 do passado a benemerita companhia de Bombeiros Voluntarios de Braga, para eleger os cavalheiros

que devem servir nos differentes corpos gerentes d'aquella associação.

Foram eleitos os seguintes cavalheiros:

Presidente—Dr. Domingos Moreira Guimarães; *Vice-presidente*—Francisco Antonio Ferreira da Silva Araujo; *1.º Secretario*—José Marra Gomes Bello; *2.º secretario*—João Antonio d'Olivera; *Thesoureiro*—João Baptista Lopes; *1.º commandante*—José Marques Pinheiro; *2.º commandante*—José Alves Loroto; *1.º patrão*—João Antonio Maria Louzada; *2.º patrão*—José Joaquim da Costa Araujo; *Aspirante*—João Joaquim de Souza Lobo.

Depois da eleição o sr. Pinheiro, activo e intelligente commandante, ordenou que toda a companhia fardada com o novo uniforme, que é realmente bonito e de magnifico effeito, fosse apresentar-se ao sr. presidente da camara, aproveitando a occasião de o felicitar pelo fausto anniversario do seu primogenito.

A apresentação e visita teve logar á 1 hora da tarde, desfilando a companhia em boa ordem desde a casa do seu commandante até ao palacete do sr. presidente da camara.

Hontem pelas 10 horas da manhã foi a mesma corporação comprimentar as primeiras autoridades do districto—o sr. arcebispo D. Antonio José de Freitas Honorato, e o sr. governador civil.

Espectaculo Gymnastico

Diante de um diminutissimo numero de espectadores, realisou-se na noite de 22 do passado, o espectáculo gymnastico que annunciámos, promovido pelo nascente Club Gymnastico Portuense, auxiliado pelo Club Gymnastico de Lisboa.

A falta de concorrência foi devida, por certo, ao preço excessivo dos bilhetes e não como quizeram fazer crêr alguns infames calumniadores, á opposição do sr. Guilherme Fernandes, que pedira, segundo elles, a torto e a direito para que não accettassem os bilhetes que a commissão enviara a muitas pessoas.

Só quem não conhece a nobreza de sentimentos e a generosidade do bom coração do commandante dos bombeiros voluntarios do Porto, é que poderá afirmar uma tal infamia ou acredital-a.

Queixem-se de si proprios, mas não tentem desculpar-se da falta de concorrência, procurando ennooar o caracter de um homem, que felizmente é invulneravel aos ataques vis de traigoeiros calumniadores.

Ficaremos por aqui a tal respeito, porque tanto basta para significar o nojo que tal infamia nos causou e fallemos do espectáculo, que na verdade teve um exito brilhante, especialmente por parte dos cavalheiros de Lisboa, entre os quaes se destacaram os srs. Alfredo e Guilherme Fonseca, nos vôos e os srs. A. Freire, João Silva, Jorge Waddington, Mauricio Rosa, Maximiliano Faria e Thomé Coelho no bi-triplo trapezio sob a direcção do professor D. Luciano Samperez, cuja aptidão para este genero de trabalhos é innegavel.

O sr. Oliveira e Silva teve occasião de mostrar bem evidentemente a força muscular de que dispõe,

não só com as barras de ferro, como sustentando tres cavallos, que eram vivamente chicoteados. Temos visto muitos Hercules que do estrangeiro tem vindo aqui exhibir os seus exercicios de força, mas ainda não vimos nenhum como o nosso conterraneo.

A percha pelos srs. João Ferra e Gregorio Rolla foi um trabalho perfeito, apesar de difficil como é, e pena foi ser o unico que o Club Gymnastico d'aqui apresentou, sendo os de Lisboa apenas auxiliares, como annunciaram.

As crianças, discipulos do sr. Lauret e apresentadas por este distincto professor, que o Porto conhece e sabe apreciar, trabalharam com muita correção e algumas d'ellas eximiamente.

A dança *des matelots* por dous filhos do sr. Antonio Nicolau d'Almeida foi esplendidamente executada, merecendo as honras de *bis*.

A maior ovação da noute foi inquestionavelmente a que fizeram ao sympathico filho do sr. Fernando Pinto Moreira, uma interessante criança, que se apresentou, montando garbosamente um garrano e saltando varios obstaculos.

Foram muitissimos os *bouquets* e corôas com que foram brindados os distinctos amadores, havendo alguns de subido preço.

A ornamentação do circo era simples, mas elegantemente bem disposta.

Despedida do anno velho

Como de costume realisou-se hontem ás 10 horas da noite na casa da Real Associação Humanitaria «Bombeiros Voluntarios do Porto» a ceia com que os socios activos costumam solemnizar a sahida do velho anno e a entrada do novo.

Lá fóra, no estrangeiro, são muito usuaes estas festas, mas entre nós cremos terem sido os bombeiros voluntarios, quem o anno preterito, pela primeira vez, as inauguraram entre nós.

A d'este anno esteve muito superior e mais concorrida do que a do anno findo, sendo superior a sessenta, o numero de pessoas que se cotizaram para aquelle fim.

A meza, em forma de ferradura, foi collocada no espaçoso e elegante salão, ultimamente reformado. Os centros artisticamente dispostos e ornados com fructas e flores e a boa disposição das iguarias, davam á meza um aspecto deslumbrante, que era ainda realçado pela profusa quantidade de lumes dos candelabros e dos lustres.

O retracto do commandante achava-se circumdado por tropheus de bandeiras portuguezas e italianas, distincção com que os seus dignos camaradas quizeram significar-lhe a muita consideração e respeito que lhe dedicam.

Além de quasi todos os socios activos e o seu medico, estiveram presentes alguns socios contribuintes e auxiliares, a direcção, o Inspector Geral, seus ajudantes e um primeiro patrão, bem como o commandante dos bombeiros de Villa Nova de Gaya, seu ajudante, e um primeiro sargento.

O *ménu* apresentava a originalidade de ser es-

cripto em prosa rimada e com muitissimo chiste, como os nossos leitores verão pela transcripção que segue :

M É N U

Em prosa rimada da «paparoca» a que os Bombeiros Voluntarios do Porto chamarão um figo na noute de

31 DE DEZEMBRO DE 1883

Para solemnizar a sahida do 83 e a entrada do 84.

Ostras gordas do Montijo!
a ellas rapaziada!
Vinde todos bem dispostos
para lhe dar boa entrada.

E continúa o *champagne*
o seu sonoro estoitar!
Rapazes! isto é uma ceia
de que vos haveis de lembrar.

Vem depois a bella *canja*
de *chouriço* acompanhada.
E' comer até fartar;
temos cá dóse dobrada.

E se achaes que o *menu*
tem sido coisa apurada,
preparai-vos para o *déssert*,
que é obra desenganada,

Os pastelinhos de carne
do pasteleiro Suisso
vem ainda a estalar,
posso affiançar isso.

Iguarias ha a rodo!
Nada vos hade faltar.
Recordar-vos-ha ás vezes
O festim de Balthasar.

Apezar dos pastelinhos
estarem coisa de estalo,
é preciso alguns deixar
para dar logar ao *robalo*.

Um *pastelão de maçã*...
Que prato tão delicado!
Olhem como vem coberto
com *assucar areado!*

O *arrosinho de forno*
com sua codea amarella,
é comel-o bem depressa
Que vem ahí a *vitella*.

Um *pudding* feito a capricho,
entra agora, já vereis.
Saborae-o rapazes;
é feito por *mãos d'anneis*.

Vem depois os habitantes
lá da bella capoeira,
da *cochinchina*, dos *brahmes*
até á *pita vareira*.

Ahi vem o *pudding francez*
e vem todo *comme il faut*,
com sua *calda de kummel*,
Com sua *canella em pó*.

Não faltará o *gallispo*
de grande rabo e esporão,
frangos de toda a especie,
até ao triste .. *capão*,

Que bellos *ovos em fio*,
Enfeitados com cidrão!
Desafiam o appetite,
ainda ao menos glutão.

Patos bravos e dos... *mansos*
já lhes sinto aqui o cheiro,
ha toda a variedade,
menos pato brasileiro.

Temos bem onde escolher,
não falta até *marmellada*,
temos o *doce de calda*,
Bella *ginja assucarada!*

Ahi vem os bellos *perús*,
gordos, creados em casa.
Olhem como vem catitas!
Falta-lhes arrastar a aza.

Ha *fructa crystallisada*,
peras, maçãs, tangerinas;
ha *figos, passas e nozes*,
Temos coisas muita finas!

Todos elles *recheados*
de bella *aseitona crúa!*
Do macho podeis comer,
mas cautela com a *perúa*.

De *queijo*, então nem fallemos,
cada um escolhe o que quer;
ha *rochefort, stilton, londrino*,
de *flamengo* até *gruyère*.

Lá chega outro petiseo,
que deu agora aqui entrada,
a *perninha de vitella*,
tão gorda! tão torneada!

Os *vinhos?* uma delicia!
Ha *Porto, Xerez, Madeira*.
O *café* veio de *Moka*,
chegou hontem á *Ribeira*.

E para que se complete
o banquete opiparado,
entra agora em combate
lombo de porco assado.

Não entrava no *ménu*
a bella *cira queimada!*
Temos para variar
Uma *pinga averdongada*.

Ainda outro piteu !?
Hoje não falta aqui nada !
Lá entra o manso *me-mé*
Com armação aparada.

Quem rabiscou estas linhas,
estima que a brincadeira
seja feita sem intrusos...
Fôra com *Dona Piteira!*

Chega o bello *roast-beef*,
coisa muito apreciavel :
com elle vem o *champagne*,
companheiro inseparavel.

Tenho n'isto meu *fillo*,
Desejava isto só,
para que seja um *souper*
de rapazes *comme il faut*.

Então não ia esquecendo,
um prato tão delicado ? !
faltava-me apresentar
o *pernil afiambrado*.

E dou por findo o *ménu*,
imitando a Nicomedes,
dando-lhe *las buenas noches*
e que *aprovechen ustedes*.

Diante de cada conviva havia sido previamente collocada uma garrafa de champagne, e ao soar da meia noite, o presidente levantou-se e no meio de um ensurdecido *charivari* de *hurrahs* e bravos, cada um fez saltar a rolha da sua garrafa e bebeu-se á prosperidade da associação e ao feliz advento do novo anno. Foi uma lembrança feliz, da commissão organisadora do banquete, e que produziu um effeito imponentissimo.

Fizeram-se varios brindes, distinguindo-se pela maneira eloquente como fallou, o sr. Presidente, não só no primeiro brinde a El-Rei, Presidente Honorario da associação, mas especialmente quando saudou o valente grupo dos socios activos, cuja coragem e constancia poz bem em relevo.

O brinde ao sr. Guilherme Fernandes foi o mais entusiasticamente correspondido e patenteou bem eloquentemente a muita amizade e consideração que lhe dispensam todos os bombeiros voluntarios, para quem elle tambem é prodigamente dedicado. S. exc.^a agradeceu commovidissimo e no intuito de corresponder condignamente á ovação de que acabava de ser alvo, brindou á corporação de bombeiros municipaes, na pessoa dos seus dignos e valentes ajudantes, cujo elogio fez em palavras repassadas do mais vivo entusiasmo, frizando bem todas as nobres qualidades que adornam o coração d'aquelles dois briosos e arrojados bombeiros.

Foram muitissimos os brindes que alli se fizeram e na impossibilidade de os citarmos todos, apenas diremos que o mais honroso foi, por certo, o do inspector geral dos incendios a Guilherme Fernandes, cujas qualidade como homem e como bombeiro engrandeceu n'aquella linguagem singela, mas verdadeira que nós todos lhe conhecemos.

Os brindes iniciados pelo Presidente foram concluidos pelo brinde levantado por s. exc.^a a S. M. a Rainha, o qual foi calorosamente correspondido.

A muita sympathia que a corporação tem pela sua co-irmã de Lisboa e pelo Real Gymnasio Club, demonstrou-o bem evidentemente a maneira como foram correspondidos os brindes levantados áquelle club e ao bombeiro voluntario de Lisboa, o sr. Augusto Cezar d'Oliveira.

Os nossos sinceros parabens á commissão organisadora d'esta festa, os srs. Guilherme Fernandes, Eduardo de Souza Pereira, Joaquim Antonio de Moura e Silva e Antonio Joaquim da Encarnação pela maneira brilhante como soube desempenhar a sua tarefa.

BOMBEIROS VOLUNTARIOS D'AVEIRO

No dia 23 do passado festejou-se em Aveiro a commemoração da installação da humanitaria companhia dos bombeiros voluntarios.

O quartel da rua de Santa Catharina, onde está o material d'incendio, estava lindamente adornado com escudetes tendo as datas de differentes factos da sua constituição, festões de murta, vasos com flores e bandeiras.

Ao meio dia formou alli toda a companhia, fardada de grande gala, e sahiu com o material todo para o exercicio, que se effectuou, á voz do seu commandante, o sr. Francisco Augusto da Fonseca Regalla, na casa do *Hotel Cysne do Vouga*. As manobras foram executadas com promptidão e precisão á vista d'um publico numeroso, e estando tambem presente o sr. presidente da camara, e o sr. administrador do concelho. Durou o trabalho, feito na melhor ordem, perto d'uma hora, depois do que retirou a companhia ao quartel, deixando o publico muito lisongeiamente impressionado. O material estava todo com muito acio e limpeza, o que prova o zelo e a competencia do encarregado respectivo, o bombeiro Miguel Rebello, empregado da camara.

De tarde a phylarmonica—*Amizade*—apresentou-se á porta do quartel, tocando escolhidas peças do repertorio. Ahi estava já reunida toda a companhia, queimando-se algum fogo.

Revista quinzenal

A arte, austera e honesta, teve n'estes ultimos dias, no theatro Baquet, um momento de consagração condigna, graças á acertada resolução que o actor Gama, um artista de raça, tomou de realisar a sua festa com a formosa comedia do extinto academico francez Julio Sandeau, intitulada «O marquez de la Seiglière» que o nosso estimado collega e amigo Borges d'Avelar trasladou a vernaculo, com elegancia e acerto.

«Noblesse oblige»; e o actor Gama, um dos poucos que entre nós rendem culto á boa arte, não podia escolher melhor producção, para exhibir os recursos da sua reconhecida aptidão, do que aquella que foi ha bons annos corôa de gloria do Rosa, pae, que encarnou maravilhosamente o typo do velho marquez, commodista e egoista, que Sandeau traçou tão completamente, com os apurados da sua fidalguia, com o balôfo orgulho dos seus pergaminhos, com as suas preocupações exclusivamente pantagruelicas e venatorias, basofiando da sua força estomacal e das suas proesas cynegeticas, na plena posse de uma saúde privilegiada e de umas «pernas de bronze fundidas em meia de seda»; como elle mesmo blasona, deante do seu creado grave.

«O marquez de la Seiglière» ou «Mademoiselle de la Seiglière» é, como a proclamou a melhor critica franceza, uma peça bem feita, uma obra de arte, reunindo todas as condições de agrado para uma plateia illustrada, para espectadores que não tenham *l'oreille beotienne*.

Os beócios da decadencia gostarão mais da san-goeira, da fuzilaria dos dramalhões, ou das frandulagens arrebicadas de lantejoulas e das farças de cordel com truanices e gebadas.

Tudo é distincto, *raffiné*, delicado, cinzelado e construído com profundo e poderoso talento de observação, no « Marquez de la Seiglière »; é completa a pintura da vida íntima da fidalguia de transicção, d'aquella fidalguia que não pôde cerrar de todo os ouvidos aos echos commoventes da Marselhesa, e que teve de abrir os seus salões aos heroes das campanhas gloriosas, consentindo que as loiras tranças das donzellas, flôres de estufa, déssem o matrimonial nó da alliança social com os bigodes marciaes, crestados ao sol de cem batalhas!

Hurrah! pelos soldados da formosa França que fizeram conquistas de tão variada especie, e proporcionaram, com a epopeia que levaram a cabo, maiores ensanchas aos dramaturgos do seu paiz.

Porque a arte teve tambem o seu *Noventa e tres*, assim como está tendo a sua anarchia, com os abusos do naturalismo.

O afamado actor Frédérick Lemaitre, fallando contra certos pormenores, completamente inúteis nas manifestações da arte scenica, de que foi ornamento, dizia o seguinte que nós pedimos perdão de repetir ás nossas gentis leitoras:

— *Mon derrière est aussi dans la nature, et je ne le montre pas.*

E parece-nos que tinha razão o grande artista. O naturalismo, do nú, com que principiou, ha de passar ao *écorché*, e do implacavel estudo das paixões carnaes, ha de passar á analyse das mesmas visceras, e d'outros adminiculos do corpo humano, á vista dos espectadores.

Hão de ser congruentes os talentosos innovadores.

Ha, porém, uns conservadores do que é bom que não se deixam seduzir pelas bellezas diabolicas da novidade, quando ella se estriba na repugnancia, como um dos seus predicados mais captivantes. Esses, que ainda constituem bom numero, foram deliciar-se com o « Marquez de la Seiglière » e tributar a Gama, um dos conservadores tambem, evidentes testemunhos de consideração e sympathya.

Gama viu certamente o mestre Rosa, pae, desempenhar este soberbo papel de marquez; impressionou-o o typo, e reproduziu no seu trabalho algumas reminescencias. Achamos sempre louvavel seguir os modelos, em vez de crear novo e peor. Rosa era inexcedivel em personagens de velhos fidalgos empertigados; e os artistas que tiveram a ventura de o observar não perderam o seu tempo.

Soller traduziu com acerto aquella papel que serviu para a estreia de João Rosa, filho.

Thereza d'Aço foi feliz na sua parte de baronesa, auxiliando-a poderosamente, d'esta feita, a sua estatura avantajada; *le phisique de l'emploi* não a trahi; estava bem, e foi bem.

Tambem a mesma circumstancia ajudou agora José Ricardo, que nos deu um sabiosinho *in herbe*, apurado a primor, nas mais convenientes retortas.

Como estamos hoje com a bossa de enchourçar de francez esta lenga-lenga, tambem queremos mimosar o nervoso artista, dizendo-lhe que não se descontente com a sua constituição franzina, porque, como agora se viu, *à quelque chose malheur est bon.*

Taveira metteu um jesuita no arcabouço de

um sycophanta forense; e procedeu acertadamente, porque estas duas entidades, não raro se completam e confundem no nosso meio social.

Palmyra e Pires contribuíram quanto puderam para que o desempenho fôsse harmonico.

A peça viu-se vestida convenientemente; e o publico applaudia-a calorosamente. Mas não terá tão longa viagem como a « *Filha do Mar.* » As massas não estão bem nas salas atapetadas; querem ir para o largo estrondear, e estontear-se no ruido e nas baralhas de toda a especie. Que lhes preste.

Quando se lêr esta chronica, teremos mais uma prova d'isto, porque terá subido á scena no Baquet o drama mirabolante « *As noutes na India,* » cousa que cheira a estranguladores, a thugs, a serpentes, a scenas orientaes, a inebriantes e fortes olôres indicos, a paixões extranhas que, como diz Francisco Sarcey, fazem o effeito de um d'aquelles gigantescos lotus, de perfumes estonteadores, que se estendem de noute nas margens do Ganges.

Fallaremos depois.

*
* *

No Principe Real, *rèprise* da bella zarzuela militar « *Os Madgyares* » cujas scenas, cujos arranques, cujas melodias, o rebelde ouvido popular tem consagrado desde longa data, recolhendo todos os encantos que a musa de Gaztambide atirou ás rebatinhas á multidão.

A zarzuela reapareceu-nos agora guiada pela batuta cuidadosa de José Candido, com numeros de musica que lhe haviam suprimido, e cuja letra foi traduzida pelo nosso collega Gualdino de Campos, sendo um terceto do primeiro acto e outro de segundo.

Desempenho, muito mais afinado em geral: Thomazia, excellentemente, bem como Wanymeil e Cardoso.

Deu-nos uma rainha toda cheia de soberania Josepha de Oliveira, que é deslumbrante, com o seu manto e os seus dois contos de reis de joias que ostenta.

Dias, muito a contento plateia, em toda a sua parte de leiguinho.

Esta zarzuela e a « *Princeza das Canarias* » têm dado successivas enchentes áquella casa de espectaculos.

Ensaia-se activamente a « *Gilletta de Narbone.* »

O BOMBEIRO PORTUGUEZ

PUBLICAÇÃO QUINZENAL ILLUSTRADA

Preço da assignatura (adiantado)

(Reino)

Trimestre	300 réis
Semestre	600 »
Anno	1200 »

(Estrangeiro)

Trimestre	500 réis
Semestre	1000 »
Anno	2000 »
Numero avulso	50 »

Redacção e administração, — rua do Mirante n.º 9. — Porto.

FABRICA DE BOMBAS PARA INCENDIOS

MOVIDAS A BRAÇO E A VAPOR

DE

JOS. BEDUWÉ

LIÈGE (BELGICA)

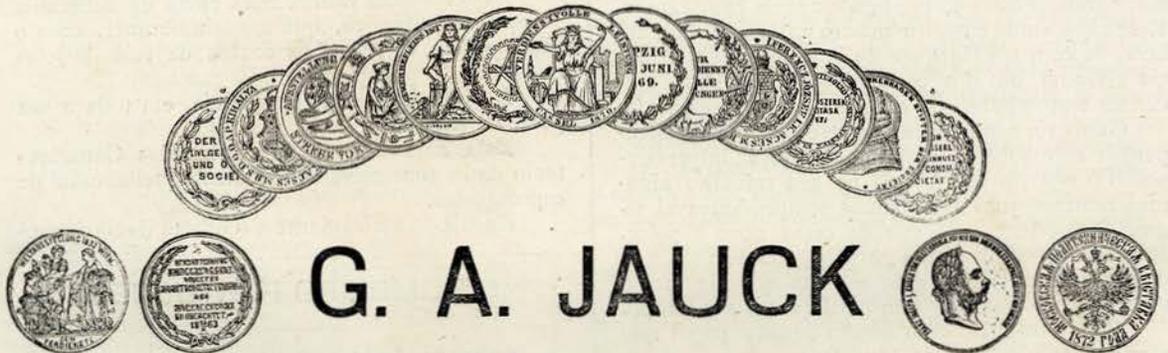
CASA FUNDADA EM 1829

Fornecedor de diferentes edificios do estado da Belgica,
França e Hollanda.

PRODUCCÃO ANNUAL 600 BOMBAS

UNICOS REPRESENTANTES EM PORTUGAL

B. MARKERT & C.^a—LISBOA



G. A. JAUCK

LEIPZIG

FABRICANTE DE BOMBAS E APPARELHOS CONTRA INCENDIÓS

Unico agente em Portugal, Guilherme Gomes Fernandes & C.^a, rua do Sá da Bandeira n.º 116 Porto.